

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

MUNDO NA SALA DE AULA
Terceira Temporada
Episódio 19: PIBIC: Um projeto para chamar de meu

Transcrição do episódio: Raíssa Almeida e Júlia Mendes
Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

Legendas

Blocos

Sonoplastia

ABERTURA

[Música de Abertura Gatunas - "Ode ao Bozo" começa brevemente e termina. Barulho de bar ao fundo começa, pessoas conversando ao fundo, rindo e curtindo a noite em um bar]

Raíssa: Oi Ju! Foi mal a demora, tava na aula de Teoria Antropológica 2, lá na UNB. Que bom que a gente marcou aqui no bar pra conversar sobre o MUNSA 3, tenho andado cansadinha esse final de semestre...

Júlia: Relaxa amiga, acabei de chegar aqui também. Pega aqui um copinho de cerveja!

Raíssa: Mas, sério, achei um arraso essa ideia de trazeremos pros episódios uma conversa mais descontraída sobre algumas de nossas histórias na faculdade. Até porque o Mundaréu, para além de um podcast fruto da parceria entre a Universidade de Brasília e a Unicamp, ele é sobre histórias. Vai ser o máximo ouvir um pouquinho de alguns alunos de ambas as faculdades! Estou animada pra ver o que o pessoal vai desenvolver pros outros episódios. Tão pensando em falar sobre extensão, militância, cotas raciais...

Júlia: A galera tá com ideias sensacionais mesmo. Inclusive, dois amigos meus vão dar uma passada aqui hoje e super dá pra a gente pensar algumas coisas pro episódio! A Mariana Petruceli faz licenciatura em Ciências Sociais e bacharelado em antropologia aqui na UNB e o Brunno é bacharel em Antropologia na UNICAMP, lá em Campinas, e tá concluindo o Mestrado na USP. Os dois desenvolveram Pibics na graduação.

Raíssa: Poxa, perfeito demais! Essas trocas que a gente tem no bar já me fizeram voltar pra casa com reflexões muito boas.

Julia: Acho que é um ambiente mais descontraído, sei lá, a gente não sente tanto o medo de tá errado. Inclusive, olha eles ali!

[Barulho de bar ao fundo começa a aparecer aos poucos. Pessoas conversando, barulho de alguém se aproximando e puxando a cadeira para se sentar à mesa.]

Mariana: Oi gente.. Desculpa a demora. [Barulho de cadeira sendo puxada e arrastada]

Raíssa: Oizinho, gente, prazer. Eu sou a Raíssa.

Brunno: Oi pessoal, boa noite. Meu nome é Brunno. [Barulho de cadeira sendo puxada e arrastada]

Júlia: Senta aí gente!

[A música começa devagar para a virada do bloco, guitarra tocando em tom alto, bem animada, junto com percussão de tambor e chocalho. Logo depois o barulho do bar ao fundo continua.]

BLOCO 1: Conhecendo os temas e os projetos de iniciação científica dos entrevistados

Raíssa: Legal demais que vocês toparam passar aqui no bar pra trocar uma ideia com a gente. A Julia tava comentando que vocês fizeram projetos de iniciação científica, que aqui na Unb a gente chama de PIBIC.

Júlia: O tema de pesquisa deles é muito massa, Rai, tava animada pra saber um pouco mais sobre o que levou eles a escolherem pesquisar esses temas.

Mariana: É, com a suspensão das aulas em 2020 a professora Rosana Castro, que estava como visitante no Departamento de Antropologia, criou um grupo de pesquisa sobre Epidemias Virais. Como eu não tinha participado de nenhum grupo de pesquisa, de pesquisa qualquer, fiquei deslumbrada com as possibilidades que tinha dentro dessa área da Antropologia da Saúde. Tive acesso a essas pesquisas que estavam sendo feitas sobre a pandemia, o início delas, e assim, fiquei perplexa com a amplitude da área. É, no fim do semestre, ali em Julho ou Agosto, o grupo da professora Rosana acabou, porque ela teve que sair, né, porque ela tava como visitante e eu decidi que eu ia entrar num Pibic pra dar continuidade aquele estudo que eu estava fazendo no grupo. Como a Rosana tinha saído, não tinha possibilidade de fazer um Pibic com ela, então eu fiquei meio desamparada assim. Por sorte eu recebi, mais ou menos na mesma época, por meio da lista de distribuição de e-mails do departamento, uma chamada pra inscrição no projeto de extensão e aí eu fui. É... esse projeto, no qual eu me insiro ainda, se chama “Pessoas com deficiência e Covid no DF: construção de conhecimento, rede de acompanhamento, cuidado e prevenção” e ele é encabeçado pelo Everton Pereira, que é um antropólogo dentro do Departamento de Saúde Coletiva. Como o professor já tem uma atuação forte na área dos estudos sobre deficiência, ele tinha criado um Observatório da deficiência, aí eu submeti o meu primeiro projeto que teve como objetivo compreender os impactos das medidas de lockdown, isolamento social, na vida de crianças com deficiência, familiares e cuidadores. A gente fez isso por meio de entrevistas, que foram feitas por

mim e por meus colegas. Aí eu finalizei meu Pibic em 2021 e entrei em outro no mesmo projeto. Esse é meu segundo Pibic, o meu atual, e é sobre o novo normal na perspectiva de pessoas com deficiência na pandemia pós-vacinação. Então o meu objetivo é compreender a vida dessas pessoas pré-pandemia, comparar um pouquinho com o que acontece durante a pandemia e o que muda ou não com a chegada desse dispositivo biomédico, que é a vacina.

Brunno: É... a minha experiência com o Pibic foi uma experiência de... foram dois anos de pesquisa de ser no Pibic. Consegui duas, é... duas bolsas de pesquisa no Pibic e depois eu acabei conseguindo também uma da Fapesp. É... foram três anos de pesquisa e eu comecei com uma pesquisa em 2019, eu não lembro agora certinho, mas acho que foi em 2019 que eu comecei. E aí o nome da pesquisa era “Entre temporalidades agenciadas e performance de emoções: análise das alternativas jornalísticas sobre as células troncos mesenquimais e terapia celular”. E aí eu fui com essa pesquisa até 2022, né, terminei no primeiro semestre de 2022 com a pesquisa de iniciação científica da Fapesp que tinha o nome de “Técnicas corporais: análise das narrativas sobre células tronco e terapia celular..

Raíssa: Essa é a pesquisa orientada pela Profa. Daniela Manica, né Bruno? Ela é inclusive uma das coordenadoras do projeto do Mundaréu também.

Julia: Gente... mas afinal o que de fato fez esses temas serem tão interessantes pra vocês?

Mariana: Então, o que me levou ao projeto foi basicamente, não sei, a necessidade de continuar a pesquisar porque eu tive pela primeira vez esse gostinho com o grupo de pesquisa da Rosana. Acho que também um interesse que adquiri pela Antropologia da Saúde e deficiência, porque eu convivo com meu pai diariamente, que é PCD e ele trabalha com crianças com deficiência na área da saúde. Então, eu acabei ficando curiosa. Queria compreender do que se tratavam esses estudos sobre deficiência na Antropologia. Eu acho que um último motivo, assim, que também foi bem importante pra mim foi porque eu tava muito, acho que igual grande parte dos brasileiros né, eu tava muito sobrecarregada pela infodemia, assim, sobre o Covid. Esse mundo de informações falsas e verdadeiras, e eu queria ter contato com informações verídicas. Eu queria verdades concretas, acompanhar construções e conhecimentos na área.

[A música começa devagar para a virada do bloco, guitarra tocando em tom alto, bem animada, junto com percussão de tambor e chocalho. Logo depois o barulho do bar ao fundo continua.]

BLOCO 2: Repercussões de uma pesquisa de PIBIC na trajetória de graduação

Raíssa: Pois é, massa demais essa parada de você já ter interesse nesse tema, até por conta da história da sua família e tudo mais. E você Brunno?

Brunno: Sobre o caminho que me levou até esses projetos, foi um caminho bastante errante assim porque eu tava na Graduação assim, tava acho que no meu segundo ano da Graduação, acho que talvez começando o segundo ano e tava ainda bastante dividido, né? Porque nas Ciências Sociais a gente tem Antropologia, Sociologia e Ciência Política. E eu tava, enfim, tinha uma tendência a gostar mais de Antropologia pelas primeiras duas disciplinas que eu tinha feito e tal. Mas ainda tava

bastante sem saber assim que caminho tomar, mas eu tinha um amigo, Mateus, que ele era um ano mais adiante assim na graduação, ele tinha entrado um ano antes de mim na Unicamp e ele também era da Antropologia e ele também tava fazendo parte de um grupo de pesquisa que era o Labirinto, né. Acho que talvez na época nem tinha esse nome ainda porque eu lembro que a gente deu esse nome junto, um pouco mais pra frente, né. Pro fim de 2019, por aí. Mas o Labirinto é um Laboratório de Estudos Sócio Antropológicos sobre tecnologias da vida e ele é coordenado pela Daniela Manica.

Julia: É muito ruim mesmo esse rolê de se sentir meio perdido na universidade. Que bom que no seu caso você teve esse seu amigo que te apresentou o Laboratório

Brunno: Conheci o Laboratório pelo Mateus, amigo meu que faz parte ainda, ele é um dos pesquisadores do Laboratório. E na época que eu conheci, a Daniela, a Dani, tava com uma, um edital, um chamado pra pesquisadores de Iniciação Científica pra compor assim, pra colaborar com a pesquisa dela. Eu lembro que não era uma área assim que eu conhecia, nunca tinha escutado falar, quer dizer, tinha escutado pouco assim falar do Bruno Latour nas primeiras disciplinas do vida de laboratório assim, mas nunca tinha ido atrás né, porque eu tava bem no comecinho. E aí foi quando eu comecei a escutar de Antropologia da Ciência, comecei a ver as pesquisas com célula tronco, que era o que a Dani tava estudando células-troncos, principalmente do sangue menstrual, as mesenquimais, a partir da Antropologia, né. E aí num primeiro momento eu, minha cabeça abriu assim, né, porque eu falei “Nossa, não era uma coisa que eu esperava que desse pra estudar a partir da Antropologia, assim né”. Eu achava que era uma, eu não pensava essa potencialidade assim, desse estudo da Antropologia por campos que, enfim, num primeiro momento pareciam que eram da Biologia, assim, pareciam que eram de outras áreas, né. Mas, enfim, essa foi a minha entrada na pesquisa, né. E eu também, nesse mesmo momento que a Dani tava com esse chamado para novos pesquisadores assim de IC, eu tava no curso de Ciências Sociais e tava precisando de dinheiro também, né, porque, pensando a permanência na Universidade e tal. E mesmo que a bolsa de Iniciação Científica seja uma bolsa baixa, assim, né, que não é reajustada... reajustada a anos já e enfim, mesmo com a inflação e tudo mais, continua os quatrocentos reais, né, do PIBIC. Era... foi uma boa ajuda assim nos dois primeiros anos que eu tive e principalmente depois quando eu consegui a bolsa de pesquisa da Fapesp, de Iniciação Científica, que também deu um boa ajuda assim. Lógico que tentando fazer outras coisas ao mesmo tempo, mas, é, foi o que me motivou de certa forma naquele começo a procurar uma, uma pesquisa pra fazer, né, um grupo de pesquisa pra me orientar assim, pra entrar e começar a ver esse trabalho de pesquisa.

Júlia: Esse é o sensacional da Antropologia, esses diversos campos possíveis. E o massa de fazer Pibic durante a graduação é que a gente pode ir aprendendo a pesquisar e conhecendo um pouco sobre esses vários temas. Até porque a gente não precisa ficar estudando o mesmo tema sempre, né. Depois que acaba o período de um ano do Pibic cabe a gente decidir o que fazer como próximo passo, seguir pesquisando... mais sobre o tema ou até mesmo ir pra um outro caminho completamente diferente.

Raissa: Fazer um projeto de pesquisa pode ser essencial para pensar no próprio trabalho de conclusão de curso, né? Seja pra descobrir pelo o que a gente se interessa ou pra descobrir o que a gente não tá nem um pouco afim de pesquisar. **[Barulho de copo de cerveja sendo servido]**

Mariana: Nossa gente, eu nunca tinha feito pesquisa na minha vida e agora tava, sabe, fazendo uma coisa tão legal assim, tão importante, interessante. E aí eu fui, foi super divertido, a minha interlocutora também foi bem interessante. Ela foi uma, um momento bem incrível assim de poder fazer uma coisa tão massa. Que nem o Mundaréu também, né. Assim, gente eu acho muito incrível, são coisas muito, não sei, divulgação científica também é um tema muito divertido, muito bom de falar. **[Barulho de copo de cerveja sendo servido]**

Brunno: E como eu entrei no segundo ano, no comecinho do segundo ano, a maior parte da graduação eu fiz dentro do Laboratório e dentro de um outro grupo de pesquisa, que eu entrei logo em seguida, que é o Psipolise, que é 'Psicanálise, política e signficante' do Instituto de Linguagens da Unicamp. E assim, eu acho que a partir do contato com o Labirinto, com a Psipolise, foi quando eu comecei a perceber como é feita a pesquisa assim, né, mesmo como, as coisas mais básicas assim, né. Eu lembro que eu descobri como procurar artigo na internet, a Dani me ajudava bastante assim porque no primeiro momento da minha pesquisa eu tive que levantar os dados do, da base de teses e dissertações da CAPES sobre, fazer um startat assim, um levantamento de um estado da arte assim, das pesquisas na área. E aí foi quando eu comecei a saber como pesquisar referência, como achar um texto importante pra pesquisa, como ver o que já tá sendo feito pra conseguir avançar aquilo e enfim. Eu acho que agora que eu tava também escrevendo um projeto de mestrado e que foi aprovado, acho que muito se deve pela experiência, assim, sabe, parece que foi muito mais que as outras disciplinas assim que eu fui fazendo, as disciplinas foram muito importantes e eu ia, só que elas serviam assim pra continuidade da pesquisa em algum momento. Porque parece que teve um certo momento que os grupos de pesquisa tomaram conta assim da minha cabeça e as disciplinas que eu pegava, eu pegava já pensando em coisas que tinham a ver com eles, sabe? Em como avançar pesquisa, ou mesmo na psicanálise, que é um tema que me interessa muito, que foi o tema que eu fui pro mestrado, é, eu sempre fui pegando as disciplinas da Antropologia, da Sociologia, mesmo algumas disciplinas do Instituto de Linguagens que tivessem a ver com esse interesse assim de pesquisa mesmo, né. E, enfim, acho que esse foi um caminho que eu fui tomando no projeto, que me levou ao projeto e que agora eu to tomando nesse início de pesquisa no Mestrado também.

[Barulho de copo de cerveja sendo servido, os copos se batem um pouco]

Raíssa: Pois é! Isso que você falou, Brunno, de que logo nos primeiros momentos da pesquisa você teve que fazer um estado da arte, que é justamente isso de juntar referências, fazer pesquisa bibliográfica... volta aquela parada que a gente tava falando sobre o TCC. Ajuda demais já termos um pouco de noção e prática durante as pesquisas na graduação. Sem falar que pesquisa coletiva é outra história, né?

Mariana: Acho que... eu só tive o PIBIC como um processo de aprendizagem tão massa porque eu fazia parte de uma pesquisa coletiva. Eu acho que no momento que eu comecei a ler o que meus amigos escreviam, os meus colegas, a gente começou a discutir, a gente delimitava os problemas juntos, sabe? A gente escrevia e aí tinha reunião semanal, às vezes quinzenal e aí a gente delimitava junto. Aí a gente falava o que tava fazendo, a gente dividia o processo inteiro e isso pra mim foi muito importante porque via que as pessoas também tinham as mesmas inseguranças que eu e o professor ensinava um e eu aprendia, então era tipo muito muito massa. Isso, nossa, incrível, sério, incrível. Porque eu lembro que quando eu entrei na faculdade a galera falava 'ah não porque a vida de pesquisador é muito solitária e não sei o que lá' e eu nossa sou muito contra. Hoje em dia eu sou

grande defensora da pesquisa coletiva por isso, assim, com o PIBIC, né, a gente começou a dividir e eu comecei a dividir também isso com as minhas amigas, assim, minhas amigas mais próximas e aí a gente vai fazer trabalho final aí uma mostrava pra outra, a gente discutia, falava sobre. Virou uma coisa muito muito maior na minha vida. E aí, o Pibic então eu tava sendo orientada pelo meu professor, pelo Everton, tinha a equipe e também tinham as minhas amigas que estavam fazendo Pibic com outros professores em outros projetos, mas a gente dividindo assim. E assim isso continua no TCC, né, com o grupo da Soraya que também é muito coletivo, acho que ainda mais. E aí mostra a importância de dividir esses dados, né, porque você não tá dividindo só dados, você tá falando também sobre a sua vida pessoal e sei lá, quando alguém “Ai nossa, puts, to muito sem tempo, gente, não consegui fazer nada essa semana”. Isso também mostra que as pessoas são reais, porque em alguns momentos pode ser uma vida muito competitiva e isso de ‘ai nossa aquela pessoa ali com certeza tá lendo todos os textos’ puts, ninguém tá lendo todos os textos. É muito difícil. Ainda mais falando de um, Pibic não é reajustado a muito tempo, né, a bolsa do Pibic não é reajustada a muito tempo. Então hoje em dia quatrocentos reais não dá pra fazer muita coisa, então todo mundo ali tava fazendo outras coisas. Tava todo mundo, sabe, muita gente estagiando, galera fazendo bico. Então meus amigos tavam ocupados, tavam fazendo outras coisas e aí chegava um momento que a galera não queria mais, né. Sem falar que a gente tava no meio duma pandemia. Então tinha, vei, eu achava que eu tava sozinha quando eu ficava uma semana na mals, trancada e aí eu percebia que tava muita gente assim também. Tava todo mundo adoecendo mentalmente, porque é um, uma emergência sanitária, né, uma pandemia. Tava todo mundo ficando muito mal e achava que era só eu. Então esse momento assim, de poder dividir com as pessoas e poder ouvir que o outro também tem os momentos ruins deles é muito importante assim, sabe? Se, mostrar suas partes frágeis, enfim, dentro de uma pesquisa, porque pra mim é isso também, né. A Antropologia você coloca um pouquinho de você ali sempre, se não você inteiro. É difícil você também não colocar isso no processo e aí fazer um processo completamente sozinho, sabe? Eu acho que o, a gente, pra mim ficou mais fácil ver um problema, descobrir o que eu queria pesquisar, quando eu comecei a me dar no processo também. Porque enfim, acho que faz sentido na minha cabeça, espero que entendam.

Júlia: A gente adquire muita experiência massa, né? Além de que, no seu caso, fez você conhecer e se aproximar de pessoas novas, e fortalecer novas amizades!

Raíssa: Caramba, galera, que legal? Só essa nossa conversa aqui já rendia um podcast inteiro [risada].

Julia: Demais cara, a gente super tinha que tentar organizar mais ou menos desse jeito. Mas enfim, agora vamos pedir outra cerveja e falar sobre outro coisa por favor!

[Barulho de copo de cerveja sendo servido]

[Em seguida música ao fundo começa a tocar, violão bem animado ao fundo]

FECHAMENTO

Raíssa: Olá pessoal! Vocês acabaram de ouvir essa conversa de bar, que foi uma ideia nossa, da equipe do Mundaréu de fazer um episódio ainda mais descontraído. Sem falar que a gente sabe bem que em conversas de bar o papo corre solto e a gente pode aprender muito! Esse é o primeiro

episódio da temporada, nos seguintes traremos mais conteúdos super legais que são a cara da gente, estudantes de graduação.

Júlia: Esperamos de verdade que vocês tenham gostado e que possa ter inspirado a vocês, que nos escutam, a conhecer mais sobre PIBIC e quem sabe até procurar uma pesquisa.

Raíssa: Uma coisa boa é ficar ligada nos editais do PIBIC que acontecem anualmente. Conversar com os professores... mandar email! Tem que ir na cara dura mesmo né. E grupos de pesquisa que circulam nas várias redes (e-mails, redes sociais, cartazes pelos corredores, boca-a-boca etc.).

Júlia: Quero agradecer a todos os meus colegas de equipe do Mundaréu que estiveram nas produções e idealizações dos episódios. Agradeço também às professoras Soraya Fleischer e Daniela Manica por estarem sempre com a gente no Mundaréu.

Raíssa: Acompanhem o Mundaréu pelo site www.mundaréu.lbjor.com, o link vai estar aí na descrição, lá você vai poder ver novos episódios e as transcrições gravadas de cada um deles! Acompanhem também pelo instagram: @mundareupodcast, e não perca nenhuma novidade. Vamos ficando por aqui! Obrigada e tchauzinho.

[Em violão bem animado ao fundo vai diminuindo o volume até acabar]

[Ao final, música das Gatunas "Ode ao Bozo" brevemente para terminar]